

“VOCÊ ACHA QUE ESTOU FALANDO PAULISTA”: A RECEPÇÃO DO PROJETO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE MÁRIO DE ANDRADE PELOS SEUS INTERLOCUTORES

“DO YOU THINK I’M SPEAK *PAULISTA*”: THE RECEPTION OF BRAZILIAN LANGUAGE PROJECT OF MÁRIO DE ANDRADE FOR HIS INTERLOCUTORES

Marcia Regina Jaschke Machado¹

RESUMO

Como parte de seu projeto de nacionalização da arte brasileira, Mário de Andrade dedicou-se, principalmente na segunda metade dos anos de 1920, ao estudo da fala brasileira. Esta tarefa, que podemos denominar *projeto de língua brasileira moderna*, contou com os esforços para a elaboração de uma *Gramatiquinha* que sistematizasse a fala brasileira, além da prática dessa escrita em cartas, textos de crítica e textos ficcionais. Seus poemas, principalmente a partir de *Clã do jabuti* carregam já esses traços, o romance *Amar, verbo intransitivo* também. Essa prática gerou muitas críticas, seja em artigos sobre suas publicações ou em cartas trocadas com parte de seus interlocutores. Este artigo tem como objetivo, portanto, apresentar a recepção de seu *projeto de língua brasileira moderna* por alguns desses interlocutores.

Palavras-chave: Modernismo. Mário de Andrade. *Gramatiquinha*. Língua brasileira. Nacionalismo.

Ao longo do período que nos separa do ano da morte de Mário de Andrade, em 1945, muitos estudos foram produzidos sobre sua vida e obra, como também publicada grande parcela de sua documentação pessoal e de trabalho, além de textos seus inéditos². O que mais se destaca no conjunto desses estudos e documentos é a atuação multifacetada deste que, como bem definiu Eduardo Jardim, posicionou-se como “figura central na vida intelectual do país”³. Significação precisa para a figura de Mário, pois o que a princípio pode parecer atuação de um versátil agitador cultural, guarda, no fundo, os conflitos e a luta de um importante pensador do Modernismo brasileiro para colocar em prática seu projeto de nacionalização da arte brasileira.

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Atualmente faz pós-doutorado, PNPd/Capes 2013, em Estudos Literários na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: marciaregina@ufv.br

² O acervo de Mário de Andrade, abrangendo arquivo, biblioteca e coleção de artes visuais, integra o patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo.

³ Essa definição foi apresentada e debatida na biografia de Mário de Andrade elaborada por Eduardo Jardim. Ver JARDIM, 2015.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 29-41, ago. 2015. Recebido em: 21 maio 2015. Aceito em: 10 jun. 2015.

O conjunto de seus trabalhos encontra-se ligado a esse projeto, que foi a grande obra de sua vida, seja na produção literária, nos textos de crítica, no trabalho junto ao Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, nos estudos sobre o folclore brasileiro ou na produção de grande parcela de sua extensa correspondência, apenas para mencionarmos parte de sua atuação. E no centro desse projeto, como norteadores de seu trabalho estão a ideia de função social da arte e o entendimento do Brasil como uma nação homogênea. Entretanto, suas ações estiveram sempre acompanhadas do conflito entre a produção de uma arte que visasse à concepção de arte social e o forte individualismo de sua personalidade. Ainda com Eduardo Jardim:

O escritor buscou concretizar as teses de sua concepção de arte social quando ocupou o cargo de diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, de 1935 a 1937, e implementou uma política centrada na expansão cultural. Ao mesmo tempo, o ideal coletivista foi confrontado por uma tendência individualista muito forte de sua personalidade, o que motivou enorme tensão, descrita por ele como o drama da contrariedade. (JARDIM, 2015, p. 119)

A concepção de arte social começou a ser amadurecida já nos anos de 1920, e essa opção acabou distanciando o poeta do formalismo tão marcado no início do Modernismo e tão defendido por Oswald de Andrade, possivelmente o maior representante dessa corrente na Literatura Brasileira.

Hoje, distantes do Modernismo e de suas aspirações nacionalistas, temos condições de perceber com mais clareza e objetividade o caminho percorrido por Mário de Andrade a fim de que possamos constatar sua crucial importância para o campo intelectual da época. Muito de sua obra ainda merece ser analisada nesse sentido. Veremos aqui uma pequena parcela de seu trabalho, o *projeto de língua brasileira moderna* que, apesar de ainda ter merecido pouca atenção dos estudos literários, configura-se como um elo importante com seu projeto de nacionalização da arte brasileira.

Mário de Andrade quando morreu, deixou o projeto inacabado de uma *Gramatiquinha* da língua brasileira, como ele mesmo a denominara. Foram estudos, anotações e cartas organizados por ele com a finalidade de compor a pequena gramática⁴.

De acordo com Edith Pimentel Pinto, Mário trabalhou nesse material durante a segunda metade da década de 1920: “À vista da documentação textualmente destinada à *Gramatiquinha*, pode-se afirmar, com segurança, que, pelo menos entre 1924 e 1929, o

⁴ Esse material recebeu organização e análise de PINTO, 1990.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 29-41, ago. 2015. Recebido em: 21 maio 2015. Aceito em: 10 jun. 2015.

projeto vigorou”⁵ (PINTO, 1990, p, 43). A partir das anotações deixadas por ele e do que relatou em muitas de suas cartas, fica claro o seu desejo de ver uma grande parcela de intelectuais envolvida nessa empreitada, como veremos ao longo deste artigo. Não desejava, segundo seus relatos, criar uma nova língua, mas sistematizar o falar brasileiro, o que está intimamente ligado à perspectiva de compreender o Brasil como uma unidade. A partir dos anos 30 torna-se escassa a produção desse material.

Muitas cartas que trocou ao longo dos anos de 1920 mostram o debate que ele travou com alguns de seus interlocutores e missivistas assíduos sobre essa questão. Elas mostram a preocupação de Mário em ver suas ideias difundidas e também deixam perceber como elas foram recebidas de maneiras muito distintas entre os modernistas. Traremos aqui as discussões que travou com Pedro Nava, Manuel Bandeira e Renato Almeida, parcela significativa desse debate e que fornece uma boa ideia de sua dimensão.

Como se sabe, Mário de Andrade, orientado por seus estudos sobre uma “fala típica brasileira”, que partia, por sua vez, da ideia de nação homogênea, passou a empregar em seus textos uma escrita que tentasse representar essa fala. Tal atitude gerou uma série de discordâncias, protestos e conflitos, mas, também, um grupo de adeptos.

Traremos, primeiramente, as discussões com o jovem poeta Pedro Nava, o qual declarou certa vez: “Eu bombardeava Mário de Andrade com todos os maus poemas que me saíam da cachola servilmente escritos em língua *mariodeandrade*” (ANDRADE, 1982, p. 44, nota 7). Assim como fazia com Nava, Mário de Andrade costumava receber textos em processo de elaboração de inúmeros escritores de todo o país, seja de nomes consagrados ou iniciantes. Para esses textos, redigia ponderações, sugestões de alterações e, muitas vezes, análises detalhadas, verdadeiros textos de crítica⁶, não deixando de atender a solicitação de comentários que lhe solicitavam esses interlocutores. Desse modo, nas análises dos poemas que recebera desse, então, jovem rapaz, o tema da *língua brasileira moderna* esteve em discussões travadas entre ambos, por onde é possível perceber a adesão de Nava à nova proposta de escrita. A partir da leitura do manuscrito intitulado *Cantares da infância*, que contém os poemas “Bão-ba-la-lão” e “Nôite de são João”, Mário escreveu:

Você também está tentando por seu lado uma solução de língua brasileira que corresponda ao nosso caráter realidade função etc. Faz mais que bem. Dou-lhe meus parabéns pela coragem de entrar na luta. Queria ter a idade de você. Principiei muito tarde luto enormemente mas não desacorço. Se lembre sempre que é um trabalho

⁵ As citações deste artigo não receberam atualização ortográfica.

⁶ Sobre esse assunto ver MACHADO, 2012.

difícilimo e que não pode ser leviano sinão é contraproducente. Do abasileiramento de linguagem de você tenho duas observações. Você está acentuando todos os pras. Isso traz confusão Nava. Acentue só quando tiver contração com artigo. Vou pra escola. Me dê pra mim. Não acha essa diferenciação razoável? A outra observação é sobre *estar* que você escreve star. Realmente nós quase sempre pronunciamos assim mesmo: tar. Não posso ir tou pronto, por estou pronto, sem dinheiro. Porém a gente não deve se esquecer que não estamos fazendo uma fotografia do falar oral e sim uma organização literária (Em todas as línguas sempre teve um falar oral diferenciado da linguagem erudita) baseada apenas no falar comum que inconscientemente condiciona a língua às precisões de raça clima época etc. D’ái o valor desse falar popular. Mas fotografá-lo não é dar uma solução que tenha viabilidade literária nem sequer prática. Star não é da índole tradicional da nossa língua doce sensual um pouco lenta toda florida de vogais abundantíssimas. [...] Acho que o nosso trabalho tem de ser principalmente por enquanto empregar desassombradamente todos os brasileirismos tanto sintáticos como vocabulares e de todo o Brasil e não da região a que pertencemos. Porque sinão seria regionalista (ANDRADE, 1982, p. 53-54).⁷

Como se vê nesta carta, Mário de Andrade praticava em seus textos a escrita da *língua brasileira moderna*, e na orientação que deu ao jovem, esclarece sobre a proposta de um abasileiramento de cunho nacional e não regional. Tendo como princípio a ideia de uma nação homogênea, alertou-o para que não inventasse uma língua de forma aleatória, o que vem exemplificado pelo emprego da preposição “para”.

O uso dessa preposição em uma *língua brasileira moderna* também foi debatido com Manuel Bandeira, que, em carta de 19 de janeiro de 1925, teceu seus comentários sobre o poema “Reza de fim de ano”⁸, de Mário de Andrade, cujo manuscrito recebera junto da carta de 14 de janeiro de 1925. Em suas ponderações Bandeira expressou sua opinião sobre o emprego da preposição “pra” e, também, sobre a colocação do pronome oblíquo em relação ao verbo:

Me parece, por poemas e cartas, que à força de quererem escrever brasileiro, estás escrevendo paulista. Ficando um tanto afetado de tanto buscar a naturalidade. A sua sistematização pode levar, está levando, a uma linguagem artificial, o que é pena porque compromete uma idéia evidentemente boa e sadia. Tenho tanta coisa a dizer nesse assunto que só conversando, mas uma coisa entre muitas: sistematicamente pões o pronome oblíquo antes do verbo quando o brasileiro se caracteriza exatamente pela instabilidade do tal oblíquo, ora antes, ora depois, e depois mesmo nos casos de relativo e negativas, o que tanto horripila os galegos.

“Das pedras todas que atiram-me

Hei de fazer um altar!”

Foi aqui o lugar onde eclipsou-se”⁹, etc.

Na linguagem de todo o dia então!

Acho que devias andar com mais cautela, só pisando em terreno firme. “Me deixe”, bravo. “Pra”, “prá”, “pro”, bravo, sem contudo barrar o “para”, às vezes natural e prestadio (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 180).

⁷ Carta de 21 de julho de 1925.

⁸ Segundo Marcos Antonio de Moraes, em nota da edição da correspondência, esse poema permaneceu inédito. (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 179, nota 2)

⁹ Versos do poema “Reza de fim de ano”.

Bandeira chama a atenção do amigo justamente sobre o que ele mais relutava na concepção de seu projeto, a fala regional. Para o fato de a língua brasileira que Mário colocava em prática aproximar-se mais de uma fala paulista, Renato Almeida também chamou sua atenção, como veremos mais adiante. A observação de Bandeira gerou uma resposta, que nos serve hoje como importante documento sobre o posicionamento de Mário de Andrade a respeito da formação – termo que ele emprega nessa missiva e que se afinava com o ponto de vista do grupo modernista – de uma literatura nacional, onde o abasileiramento da língua seria, segundo ele, uma de suas marcas.

Você compreende, Manuel, a tentativa em que me lancei é uma coisa imensa, enorme, nunca foi pra um homem só. E você sabe muito bem que não sou indivíduo de gabinete. Não posso ir fazendo no silêncio e no trabalho oculto toda uma gramática brasileira pra depois de repente, pá, atirar com isso na cabeça do pessoal. Preciso que os outros me ajudem porque, confesso com toda a franqueza, embora não seja um ignorante em questões de língua e possa afirmar gritado que sei o português duma forma acima do comum, não sou forte no caso. Não sou. Careço que os outros me ajudem pra que eu realize a minha intenção: *ajudar* a formação literária, isto é, culta da língua brasileira. Não quero que você pense que estou imaginando criar uma língua nova, como se diz que fizeram Dante e Camões, principalmente o primeiro. Ora isso é idiota porque Dante seria incapaz de no italiano da *Comédia* se antes dele não tivesse a escola siciliana e toda a porção de trovadores que já escreviam em língua vulgar. Eles é que permitiram a existência dum Dante pra língua italiana como os cronistas e cantadores portugueses permitiram o português de Camões. Naqueles tempos se fazia tudo intuitivamente, é natural. Mas hoje não se pode mais fazer porque existe a crítica, existe a questão filológica bem estudada e em uso, existe a época enfim. Por isso o que eles faziam intuitivamente eu hoje faço com crítica, sistematizações. [...] Você diz por exemplo que eu em vez de escrever brasileiro estou escrevendo paulista. Injustiça grave. Me tenho preocupado muito com não escrever paulista e é por isso que certos italianismos pitorescos que eu empregava dantes por pândega, eu comecei por retirar eles todos da minha escrita agora. Por enquanto o problema é brasileiro e nacional. [...] se trata de sistematização culta e não fotografia do popular, meu caro. Agora: essa sistematização tem de ser fatalmente pessoal. Não pode ser doutra forma pois estou começando uma coisa e não tirando uma gramática inteirinha de fatos documentados pela escrita culta e literária. Não quero imaginar que o meu brasileiro – *o estilo que adotei* – venha a ser o brasileiro de amanhã. Não tenho essa pretensão, juro. Por outro lado se eu não fizesse essa sistematização eu seria um escritor sentimentalmente popular e quero ser um escritor culto e literário. [...] Sou fenômeno culto, sei disso e não me afasto disso. [...] ainda faço distinção entre escrever pra público e pra amigos. [...] Estou em época de transição. Estou criando um novo modo natural. [...] Nunca hei de escrever obra definitiva pra mim. *Paulicéia* foi um começo. Agora estou noutra começo... Paciência! Mas também por outro lado, Manuel, muita coisa que parece afetação pra você em que a influência e formação lusa são muito fortes, pra mim não são afetações que sempre vivi muito no Brasil (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 181-183).¹⁰

¹⁰ Carta de com data atestada: posterior a 25 de janeiro de 1925.

Nessa exposição está o esclarecimento de que o princípio de seu projeto não estava em fazer uma cópia da fala popular, mas a transposição de certas características para a linguagem culta. Esse diálogo continua nas cartas seguintes, mas fora motivado pelo bilhete que Bandeira encaminhara a Mário, pouco antes dele redigir a carta acima transcrita. Ao que parece, ele acompanhou o envio, a Mário de Andrade, de uma carta de um amigo de Bandeira, na qual estava a discussão sobre o projeto de língua brasileira. Esse bilhete portou as observações:

Você há de ter interesse e curiosidade em conhecer as críticas que fazem do seu caçanje. Pois aqui vai uma de pessoa muito inteligente e sem preconceitos passadistas. Em alguns pontos não concordo com ele, por ex., o caso da elisão pra+a = prá que é tudo que há de mais certo e razoável. Mas todo o sujeito, por inteligente que seja, tem dessas ararices (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 180).¹¹

Na longa carta de Mário, da qual foi transcrita uma parte acima, está também sua defesa sobre a opinião impressa nesse texto, cujo autor não foi revelado por Bandeira, na ocasião¹².

Ele começa por dizer que eu não sei escrever o português. É uma injustiça. Sei mais que a maioria dos que escrevem. Estudei o português e estou consciente dos meus erros em português. [...]

No caso do *pra* eis vocês dois em contradição. Você acha que estou falando paulista. Ele acha que isso é nortista e que nós “sulistas” (aliás não sei de que Sul é o cujo) dizemos *par*’alguns. Aqui em São Paulo como em Minas e Rio a gente só diz *pra* alguns e duvido que no Rio Grande do Sul se diga *par*’alguns como o homem quer. Aliás o “*pra*” é empregado até pelos portugueses que jamais falaram *para*.

No “*prá* festa” está bem acentuado. Tem contração. É para a festa que você foi se pintar. Basta substituir festa por baile, forrobodó e se vê bem que tem artigo aí. Foi se pintar pro baile e não pra baile (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 184-185).¹³

Bandeira rebateu certas colocações de Mário, esclarecendo que ele havia feito mau juízo da opinião de seu amigo:

Senti que você se referisse com maldade ao meu amigo, pois isso me priva de dar a ele a sua carta. Onde é que você viu que ele disse que você não sabia português? Você diz que no começo. Reli 3 vezes, 4, e não descobri isso.

Devolvo-lhe a carta dele para que você, mais calmo, se convença. O que ele diz é que o Sr. Todagente não sabe português e que você (aqui há mal-entendido dele) se propõe escrever como Todagente.

No caso do “*prá*” eu mesmo reconheci que ele estava errado. Também notei, antes de você, a improcedência do argumento “que te não via”. Foi incompreensão, não chicana. Você desembestou sem razão. Meu amigo só escreveu aquilo a instância minha que me interesse vivamente pela criação intelectual e pelo problema da língua

¹¹ Carta de 25 de janeiro de 1925.

¹² Em nota da edição dessas cartas está a identificação, feita por Manuel Bandeira, dessa autoria. Trata-se de Honório Bicalho (1886-1930).

¹³ Carta de com data atestada: posterior a 25 de janeiro de 1925.

e que sei a dificuldade que há de se obter nesta complicada vida uma opinião sincera e franca. Além disso o meu amigo é cru em matéria de língua, (e a grande massa o é ainda mais) e uma inteligência excepcional: precisamente essas duas componentes davam grande interesse à opinião dele (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 187).¹⁴

A conversa epistolar entre ambos foi interrompida pela viagem de Manuel Bandeira a Petrópolis – a qual fazia todos os anos nesse período para se tratar da tuberculose –, e retomada apenas em março, quando ele voltou à discussão sobre o abasileiramento da língua. Ela se prolongou pelas cartas trocadas entre eles durante esse mês, mas serão apresentados aqui os apontamentos de Bandeira na carta de 16 de março de 1925:

Sobre a língua brasileira, só conversando. Que você foi com muita sede ao pote, não tem dúvida. O caso da vogal suarabática é uma tentação que você, a meu ver deve sacrificar. Não existe o uso geral que você imagina. É quase geral nos casos enfáticos citados por você: “fiquei indignado!” “Não admito!” “Abissolutamente!”. E repare que neste último caso, como o acento secundário cai na segunda sílaba do *j*, este tem outro timbre mais claro que nos outros casos onde o som é breve, quase *e* mudo. Quando não há ênfase, a dissociação do grupo consonantal não existe nas pessoas cultas e daí a repugnância (não repuguinância) que você sentirá em grafar objecto, abjecto, adiversário, etc.

Depois acho perigoso tocar no ponto mais controverso desses assuntos – os fonemas e as representações. Pois se dentro do português é uma conflagração, que não será no português brasileiro? E isso de fonemas é um terreno tão instável! [...] Aliás não creio que o brasileiro se diferencie até constituir língua. Ele já é bem diverso do português, porém muito mais diverso do que o português de hoje é o português dos cancioneiros e a gente sente que a língua é a mesma. [...] Nós já estamos começando a falar uma mixórdia franco-ítala-saxônica que produz dispepsias incuráveis nos puristas mas é a única linguagem que exprimiu a sensibilidade, a vida moderna. O que nós devemos é enriquecer essa maravilhosa algaravia com os dengues, a graça e essa esculhambação brasileira amulata e cabrocha. Sou contra a sistematização pessoal voluntária. Digo “para” e “pra”. Grafemos “para” e “pra”. Se houver vitalidade nas duas formas como inegavelmente há, elas co-existirão. Se o “prá” tiver mais seiva acaba eliminando a outra e então sim, seria pedantismo, arcaísmo querer guardá-la.

Olhe, não fale demais nessa história de Dante. É falso que Dante e Camões tenham feito língua. Isso não passa de imagem de admiradores excessivos. Você sabe bem (ANDRADE; BANDEIRA, 2001, p. 190).

Entre seus esclarecimentos, Manuel Bandeira, profundo conhecedor de filologia e história da literatura, chamou a atenção para certos “exageros” de Mário de Andrade e deixou clara a sua discordância em se fazer uma “sistematização pessoal”. Ele divergiu, também, na questão de que a língua portuguesa do Brasil já possuía um caráter bem distinto da língua portuguesa de Portugal. Postura oposta a Mário, pois ele não assumia a atitude de negar os vínculos com a fala portuguesa, mas admitia que o distanciamento entre a fala de lá e fala daqui era um processo natural.

¹⁴ Carta com data atestada de 31 de janeiro de 1925.

Outro interlocutor com quem Mário teceu muitos debates sobre o projeto de *língua brasileira moderna* foi Renato Almeida. Este musicólogo baiano, extremamente empenhado na formação do Modernismo brasileiro, apresentou uma série de divergências em relação aos pontos de vista de Mário de Andrade, e por esse motivo, o diálogo entre eles ganhou contestações acaloradas de ambos os lados, como veremos.

A carta de Renato Almeida, com data atestada, de novembro de 1926, que tem início da seguinte forma: “Mário querido: é um prazer discutir com você para admirá-lo.” (NOGUEIRA, 2003, p. 177), dá início à longa discussão. Nela, o remetente expõe seu posicionamento em relação ao projeto de Mário de Andrade:

Eu creio que, neste momento, nada mais belo e fecundo, nada mais prático, para a formação da nossa realidade, do que essa diversidade de pensamento em face dos problemas brasileiros. Eu sou franco, ainda ontem deixei artigo no jornal em que ataco a sua tentativa, medrosamente seguida por outros, de forçar um modo de falar brasileiro. Na minha viagem à Bahia, ouvi se falar de outros modos e senti que, se lá fizessem o mesmo, cairíamos numa Babel. Lá por exemplo, não se diz *não é* mas *né*, troca-se horrivelmente o *r* pelo *l* (galganta, calta, alcebispo, etc) diz-se, *deitado*, por *deitado* e assim por diante. Para eles, isso é que é brasileiro. Para o gaúcho será outra e ainda outra para o paraense. Acabaríamos em caos. Trago isso para mostrar que a divergência enobrece, no terreno em que a colocamos, de sinceridade e com fé. E tanto, é assim que lhe pedi me enviasse, para a 2ª edição da *História*, as suas objeções, porque aceitarei quantas me convencerem e poderei até contestar aquelas que me pareçam erradas. [...] A sua palavra me interessa por toda inteligência e por todo coração que nela põe. Infelizmente o nosso movimento se vai corrompendo, ante a tristeza de nossos olhos leais, com uma sinceridade enervante com que se quer introduzir muita moeda falsa (NOGUEIRA, 2003, p. 178-179).

Contra as discordâncias de Renato Almeida, Mário de Andrade elaborou a defesa de seu projeto, mantendo rijo seu posicionamento. Contudo, ele demarcou as fronteiras entre os enfrentamentos teóricos e a relação de amizade, e, logo após reiterar seu apreço pelo interlocutor, expôs o ressentimento para com Ronald de Carvalho – outro grande camarada de Renato e Graça Aranha, tendo a este também como espécie de mentor – e também de outros modernistas com os quais nutria sérias divergências. Nessa estratégia de construção de discurso, Mário usou da linguagem do afeto para trazer para sua esfera de intimidade esse intelectual pertencente a um grupo que não se afinava intelectualmente com ele. Pode-se dizer que se utilizou dessa estratégia com a finalidade de convencimento. Essa missiva, de 20 de dezembro de 1926, traz então:

Gozei como o diabo você atacar o meu modo de usar a língua agora. Na carta veio um argumento contra que não reduzo já ao pó merecido por perversidade. Pode ser que você venha com ele no artigo e então leva uma catapelada de atordoar. Prometo responder essa nossa controvérsia pública sobre a qual pairará sempre inacessível a nossa amizade, tomara que seja um exemplo fecundo pra estes brasis. Duvido. Não acredito nos exemplos. Acredito nas experiências pessoais. Em todo caso a respeito da minha tentativa careço de me abrir mais com você. Conservo um ressentimento despeitado de você, do Ronald, do Guilherme, do Couto, do Osvaldo, do Tácito¹⁵, dum poder numerosíssimo de amigos a respeito disso. Desde o princípio senti que a repulsa de vocês todos foi inabalável. E também foi boba e principalmente foi imensamente passadista, como hei de provar porém não em carta, publicamente. Nesse caso de língua só tive um amigo verdadeiro: foi o Manuel Bandeira que me escreveu um poder de cartas esculhambando o que eu estava fazendo, com um argumento, novo contraponto: mandava pra me arrasar. Se constituiu um verdadeiro advogado do diabo e só vendo como brigamos e nos xingamos por carta. Os outros? Sei e juro que muito discutiram, muito atacaram entre si o que eu fazia, porém comigo nem pio. [...] hei de falar num ataque pesado pra desanuviar o meu despeito tempestuoso. Porém não aqui, publicamente. O meu ataque prometo que será o mais forte e mais terrível que puder. E então defenderei os que se meteram na mesma tentativa que eu, os “meus alunos de Minas, do Norte e do Rio” como dizem os meus amigos daqui. Defenderei também censurando o que acho de censurável nas tentativas deles, é lógico. Da mesma forma com que eles me censuram o que acham de censurável em mim. Tanto em artigos como em cartas. O que será fácil de provar (NOGUEIRA, 2003, p. 179-181).

Na resposta de Renato, é possível perceber estratégia de construção do diálogo similar a de Mário. Ele iniciou a carta mostrando a preocupação com o fato de seu interlocutor estar zangado, mas não deixou de apontar sua postura, como um amigo que tenta convencê-lo de um erro.

A sua carta está zangada... Começo por dizer que não deixei de lhe falar no assunto. Fi-lo pessoalmente, quando estive em S.Paulo, este ano. Lembre-se que você até me disse o sacrifício que fazia com tudo isso. [...] Se você ler a minha conferência da Bahia, terá visto que eu falei, como já fiz por vezes, da necessidade de libertarmos a nossa língua da portuguesa, isto é, de nós, escritores, quebrarmos o preconceito e escrevermos como falamos. Porque a libertação, essa será feita pelo povo a pouco e pouco. Você forçou a mão, exagerou e escreve como você não fala. A sua língua não é espontânea (talvez à força de nela trabalhar, você se habitue), é rebuscada e afetada. Julgo-a um exercício curioso, mas não me interessa, porque eu não falo assim. Depois é muito paulista... Além de tudo, vejo nessa tentativa uma grande indisciplina. Se fosse consagrada pela voz do povo, seria disciplina, pelo mesmo motivo que a revolução vencedora é legalidade, etc. e tal. Mas, eu julgo indisciplina porque quer forçar a expressão corrente. Me parece a mim que a tendência deve ser dominar todos os preconceitos portugueses que nos impedem de escrever como se fala comumente no Brasil. Se eu não digo “pra”, “mas porém”, ou “vi ele”, porque hei de escrever? Ademais, a nós cabe purificar a língua. Claro está que o que eu entendo por purificar não é colocá-la dentro da regra portuguesa, mas acima do povo ignorante. Escrever como nós falamos. Acredita você que a sua tentativa representa essa média? E a prova de que não representa é que nela não nos encontramos nós outros, nem a julgamos bastante clara. Muitas vezes tenho que reler frases suas,

¹⁵ Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Rui Ribeiro Couto, provavelmente, Oswald de Andrade e Tácito de Almeida.

porque o seu pensamento, sempre claro, fica preso no cipoal da linguagem obscura (NOGUEIRA, 2003, p. 183-184).¹⁶

Dois pontos merecem ser destacados dessa exposição. O primeiro toca na questão das marcas lusitanas que os modernistas tinham a preocupação de negar, para que pudessem alcançar o ideal de uma língua nacional. Como se sabe, nesse projeto nacionalista, que se prolongava desde o Romantismo, os modernistas não se entendiam mais em relação de inferioridade com Portugal. O que buscavam, então, era negar suas influências. Para eles, somente negando as marcas de sua ex-metrópole – libertando-se da língua portuguesa, como diz Mário – e tentando “resgatar” uma cultura típica brasileira – no caso, uma fala que representasse o Brasil – é que conseguiriam produzir uma literatura verdadeiramente nacional. Assim como Bandeira, Renato entendia que a libertação de Portugal tinha que acontecer de forma espontânea. O segundo ponto está em outra semelhança com a abordagem de Manuel Bandeira, em carta de 19 de janeiro de 1925, que chama a atenção para a falta de naturalidade na “*língua brasileira de Mário*”.

Finalmente, junto da carta de 25 de janeiro de 1927, Renato Almeida enviou-lhe seu prometido artigo. Os comentários sobre ele estão na missiva de 7 fevereiro de 1927. Ela tem início com a saudação: “Renatico do coração. Estou indignado” (NOGUEIRA, 2003, p. 185). Nela Mário expressou seu profundo incômodo com o que Renato Almeida e Ronald de Carvalho vinham declarando sobre seu projeto de língua brasileira, mas não teceu comentários específicos sobre esse artigo, o que prometeu fazer em um artigo próximo: “Decidi escrever um único e final artigo esclarecendo um pouco o meu trabalho a respeito da língua brasileiro. Será o único porque não posso perder tempo com isso no momento. [...] Vou responder o tópico do seu artigo com energia e dureza. Mesmo que você responda depois ficará com a última palavra” (NOGUEIRA, 2003, p. 186). Na conclusão desta missiva, a volta à amabilidade: “Ciao. Um abraço apertado do sempre seu. E um beijo carinhoso nas mãos de sua mulher. Como vão os estudos pra juiz? Mário” (NOGUEIRA, 2003, p. 187).

Em sua resposta, Renato Almeida reiterou seu posicionamento de forma mais contundente:

Mário: Você está convencido mesmo de que criou uma linguagem no Brasil! Pelo tom irritante das suas afirmativas feitas como quem é dono de um segredo, tom dogmático e enfático, a gente vê que você está um místico da sua linguagem e fulmina a nós outros – protestantes – com bulas definitivas, autos-da-fé. [...] Falei impersonalizado, por me referir a uma tendência, na qual, se você é cabeça, também há outros desviados. Não citei, nem tinha que citar nomes, que não estava em

¹⁶ Carta com data atestada de janeiro de 1927.

polêmica e não ATACAVA ninguém. Discordava de uma tentativa, portanto, por quê e para quê personalizar e dizer que A, B e C estão nessa tendência, tanto mais quanto escrevo para um meio em que todos são suficientemente conhecidos? Quando escrever sobre o seu romance¹⁷, aí sim, atacarei de frente a língua confusa e incoerente em que está escrito e direi toda a minha divergência com você, no caso. Porque não julgando que essa tentativa tenha vingado, ao contrário, creio que só merece ser atacada no que perturba a harmonia da obra de um artista e de um crítico como você. Quando eu leio tenho mais raiva do que divergência. Raiva, porque o vejo prejudicado na sua obra, enquanto a divergência não me preocupa, porque eu sei que essa linguagem não tem futuro. Você está obcecado e, como pai, defende a filha. Se fosse você eu a enjeitava... Palavra de honra Sobre o seu livro escreverei depois. Quanto a responder ao seu artigo fá-lo-ei livremente, como melhor me parecer e se julgar que devo entrar no debate. [...] Curioso é que emprestando a uma moça o seu romance, ela, ainda hoje, me disse a dificuldade que teve em vencer a língua, o que mais me convenceu do seu artificialismo. Você está horrível, Mário, para discutir está, como disse, em pleno misticismo (NOGUEIRA, 2003, p. 187-188).¹⁸

No final da carta, porém, é retomado o tom de amabilidade: “Escreva-me e queira bem ao seu, muito sincero, Renato”. Ainda nas cartas seguintes que trocaram, o debate continuou; sem que fossem discutidas efetivamente questões gramaticais, filológicas ou lexicais, ele manteve-se apenas no ataque e defesa de cada um dos pontos de vista sobre o projeto de uma *língua brasileira moderna*.

Apesar do que apontaram seus interlocutores, sobre a complexidade, as incoerências e os inúmeros problemas de se colocar esse projeto em prática, Mário de Andrade dedicava-se exaustivamente a ele, chegando a aplicar essa nova forma de escrita nas cartas, textos de crítica e textos ficcionais. Seus poemas, principalmente a partir de *Clã do jabuti* carregam já esses traços, o romance *Amar, verbo intransitivo* também. Ele debruçou-se efetivamente em sua formulação, e é possível ter uma ideia de seu esforço pela grande quantidade de gramáticas e também de dicionários que ele adquiriu, principalmente os especializados em língua brasileira. Atualmente, no Instituto de Estudo Brasileiros, para onde foi levada sua biblioteca particular, é possível verificar essa aquisição: entre dicionários dos mais variados temas, como música, literatura, etnologia, língua portuguesa, entre outros, estão aqueles especializados em brasileirismos. Anotações a lápis indicam a leitura de Mário de Andrade.

O projeto de Mário para a formação de uma *língua brasileira moderna*, como se sabe, não se deu de forma isolada; estava em sintonia com a mobilização de muitos intelectuais da época nesse sentido, pautada no “resgate” de uma cultura brasileira, símbolo de identidade

¹⁷ *Amar, verbo intransitivo*, publicado em 1927, onde Mário de Andrade colocou em prática suas pesquisas sobre *língua brasileira*.

¹⁸ Carta de 12 de fevereiro de 1927.

nacional. No caso da língua, que se distinguisse de Portugal, o prefácio das *Apostillas ao dicionário de vocábulos brasileiros* (TESCHAUER, 1912), apresenta essa dimensão:

Esta collecção de brasileirismos, longe de pretensão de julgar-se completa, tem o *Diccionario de vocábulos brasileiros* por ponto de partida.

Como norma geral para distinguir as palavras brasileiras das portuguezas seguiu o dictionario contemporâneo por Aulete. [...]

Coordenando agora essa collecção, fructo de assidua observação, não foi excluído por mim o pensamento de servir de modica contribuição de materiaes para a construcção do futuro dictionario de brasileirismos, que se organiza em competente gremio de linguistas.

Entre os motivos, que determinaram este trabalho, não foi o ultimo ponto de vista historico, assentado com muitos ethnologos e historiadores que a língua de um povo é o unico distinctivo infalsificavel do seu carácter nacional. Nella se espelham os grandes factos, as instituições, suas propriedades, suas guerras, suas victorias como derrotas, as transições no progresso ou deste á decadencia, e tudo isso tão indelevelmente é gravado num vocabulo como numa moeda o seu valor; porque espontânea e naturalmente, sem legisladores nem deputados, assembleas e decretos, formam-se palavras que retratam inequivocamente o pensar e o sentir do povo, as suas leis, seus costumes, as suas aspirações e idéas.

Reflectem-se no nosso meio as três raças índia, europea e africana e o grão do seu respectivo influxo, reflectem o ambiente proprio como o contacto com os povos visinhos. [...]

No dicionário de Mário Bouchardet, também está a preocupação com o afastamento dos galicismos:

É secular a guerra movida aos vocábulos de língua estrangeira, mórmente os galicismos, introduzidos em nosso idioma, embora aportuguezados de accôrdo com os princípios básicos da morphologia. Tem essa ogeriza de tal forma obliterado o senso apreciativo de diversos escriptores lusos e alguns dos nossos, mesmo entre os mais sizudos, que não será descabida, de quando em quando, uma referenciuzinha ao caso, ou uma nota acerca de certos factos interessantes, cujo escapellamento muito pode entreter os estudiosos (BOUCHARDET, 1930, p. 79).

Entre concordâncias e discordâncias, vão se configurando os posicionamentos dos interlocutores de Mário de Andrade sobre o projeto de uma *língua brasileira moderna*, questão complexa que abre caminho para muitas reflexões.

Mário tentava exaustivamente divulgar suas ideias e convidar outros para aderirem à “empreitada”, contudo um movimento inverso se revelava, quando muitos escritores negavam esse tipo de escrita justamente com receio de imitar a “língua *mariodeandrade*”, como definiu Pedro Nava baseado em comentários da época.

ABSTRACT

As part of the nationalization project of Brazilian art, Mário de Andrade devoted himself, especially in the second half of the 1920s, to the study of Brazilian speech. This task, which *Revista Literatura em Debate*, v. 9, n. 16, p. 29-41, ago. 2015. Recebido em: 21 maio 2015. Aceito em: 10 jun. 2015.

we can call *modern Brazilian language project*, included efforts to the development of a *Gramatiquinha* that systematize the Brazilian speech and to practice this in letters, critical texts and fictional texts. His poems, especially from *Clã do jabuti*, show this practice; *Amar, verbo intransitivo* too. This practice resulted in many critical, whether in articles about their publications or letters exchanged with some of his interlocutors. This article aims therefore present receiving of *modern Brazilian language project* of Mário de Andrade by some of these interlocutors.

Key-words: Modernism. Mário de Andrade. *Gramatiquinha*. Brazilian language. Nationalism.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz*. Cartas a Pedro Nava 1925-1944. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

ANDRADE, Mário; BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BOUCHARDET, Mário. *Diccionario da língua luso-brasileira*. Rio Brasnco, Estado de Minas, Oficinas graphicas da papelaria Imperio de J. Ferreira de Brito, 1930.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: Eu sou trezentos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. São Paulo, 2012, 260 p. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo.
Disponível no site: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-22102012-122149/pt-br.php>

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. *Edição anotada da correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida*. Dissertação de mestrado, Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

TESCHAUER, Carlos. *Apostillas ao dicionário de vocábulos brasileiros*. Petrópolis, “Vozes de Petropolilis”, 1912.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 29-41, ago. 2015. Recebido em: 21 maio 2015.
Aceito em: 10 jun. 2015.